

SER-NA-CIDADE: UMA APROXIMAÇÃO FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA TECNOLÓGICA¹

Being-in-the-city: a phenomenological approach to technological experience

Jason Wasiak²

RESUMO

Este artigo examina a dinâmica acerca da negociação e articulação da relação corpo-tecnologia caracterizando necessariamente a experiência de ser-na-cidade. Em nenhum outro lugar a experiência cotidiana é mais mediada pela tecnologia do que na cidade. Ser-na-cidade envolve o ser encarnado pela tecnologia em níveis que vão do micro ao macro. Apesar do fato de que a tecnologia é constantemente desenvolvida no espaço da cidade, relações com a tecnologia tendem a se tornarem rapidamente normalizadas – mundanas – transparentes. Dada esta normalização, assim como a onnipresença da tecnologia na constituição do espaço da cidade, é importante examinar as formas como a tecnologia vem moldar os contextos experienciais da vida cotidiana. No espaço urbano tecnologias resultam em novas cenas a serem vistas, sons a serem ouvidos, aromas a serem cheirados, gostos a serem saboreados, texturas a serem sentidas, bem como modos totalmente novos de experienciar o cotidiano. Ao explorar a dinâmica em torno da negociação e articulação contínua em várias camadas da relação corpo-tecnologia que caracteriza necessariamente a experiência de ser na cidade, uma perspectiva fenomenológica é adotada. Os escritos de Heidegger sobre tecnologia, os de Merleau-Ponty sob corporeidade e percepção e os de Don Ihde sobre o corpo e a tecnologia, contribuem para o quadro teórico para um exame fenomenológico das implicações experienciais do Ser-na-cidade, uma ecologia tecnológica.

Palavras-chave: Corporeidade. Percepção. Ecologia tecnológica.

ABSTRACT

This paper examines dynamics surrounding the negotiation and articulation of the body-technology relationship necessarily characterizing the experience of being-in-the-city. Nowhere is everyday experience more mediated by technology than in the city. Being-in-the-city involves being embodied by technology at levels ranging from micro to macro. Despite the fact that technologies are constantly evolving in city space, relations with technology tend to become quickly normalized - mundane - transparent. Given this normalization as well as the sheer pervasiveness of technology in constituting city space it is important to examine the ways in which technology comes to shape the experiential contexts of everyday life. In urban space, technologies result in new sights to be seen, sounds to be heard, smells to be smelt, textures to be felt, as well as altogether new modes of experiencing the everyday. In exploring the dynamics surrounding the ongoing, multi-layered negotiation and articulation of the body-technology relationship necessarily characterizing the experience of being-in-the-city a phenomenological perspective is adopted. Heidegger's writing on technology, Merleau-Ponty's writing on embodiment and perception, and Don Ihde's writing on the body and technology contribute to a theoretical framework for a phenomenological examination of the experiential implications of being-in-the-city, a technological ecology.

Keywords: Embodiment. Perception. Technological ecology.

1 Tradução de Werther Holzer, do original: WASIAK, Jason. Being-in-the-city: a phenomenological approach to technological experience. *Culture Unbound*. v.1. p.349-366. 2009.

2 Diretor de Planejamento Urbano da JW Planning Pty Ltd, Warners Bay, New South Wales, Australia. jason@jwplanning.com.au.



INTRODUÇÃO

Em nenhum outro lugar a experiência cotidiana é mais mediada pela tecnologia do que na cidade. A cidade é inerentemente um ambiente tecnológico, abundantemente constituído pela tecnologia e servindo como ponto focal para a crescente produção, distribuição e consumo de tecnologia. Assim, pode se dizer que a tecnologia é fundamental tanto para a “cidade como signo” como para os “signos da cidade”. A tecnologia é, e sempre foi central para a cidade como realidade, como imagem, como símbolo. Num sentido amplo a própria cidade pode ser pensada como a tecnologia que é personificada através da habitação. Ocupando meramente um local no espaço da cidade estamos, inerentemente, enredados em uma vasta gama de relações tecnológicas. Nesse sentido ser-na-cidade necessariamente envolve uma negociação perpétua e multivariada com a tecnologia em níveis que vão do micro ao macro. O modo como essa relação corpo-tecnologia é negociada e articulada envolve uma remodelação constante de nossos regimes perceptivos, o que tem implicações profundas para todos os outros aspectos da experiência. Horizontes perceptivos são constantemente retrabalhados de várias formas a partir do engajamento corporal cotidiano com a tecnologia, e isso é particularmente intensificado no ambiente tecnologicamente constituído da cidade. A negociação e articulação da relação corpo-tecnologia na navegação cotidiana da cidade detém profundas implicações para a experiência do espaço e do tempo assim como a todos os aspectos relativos às sensações. Uma enorme quantidade dos estímulos que recebemos com nossos sentidos no espaço da cidade é subproduto da tecnologia. Na cidade a tecnologia resulta em novas cenas a serem vistas, sons a serem ouvidos, aromas a serem cheirados,

gostos a serem saboreados, texturas a serem sentidas, bem como modos totalmente novos de experienciar o cotidiano.

Apesar do fato de que a tecnologia é constantemente desenvolvida no espaço da cidade, no nível micro nossas relações tecnológicas tendem a ser tornar rapidamente normalizadas através do ajuste diário – tornado mundano – recuando para o último plano de nossa experiência cotidiana. Isso tende a ocultar a sua importância. Desse modo, esse texto examina as dinâmicas que envolvem a progressiva negociação, de múltiplas camadas, entre o corpo e a tecnologia, que necessariamente caracteriza a experiência do ser-na-cidade. Ao mesmo tempo em que são reconhecidas que estas interações com a tecnologia no espaço da cidade são de natureza vasta e heterogênea – culturalmente variáveis e moldadas por sua posição social –, o que é focado aqui é o primado da negociação e articulação da relação corpo-tecnologia, necessariamente caracterizando a navegação da vida cotidiana na cidade. Com essa finalidade a perspectiva fenomenológica foi adotada. Particularmente os escritos de Heidegger referentes à tecnologia, e os escritos de Merleau-Ponty sobre a corporeidade e a percepção e os escritos de Don Ihde sobre a tecnologia e o corpo, contribuem para o quadro teórico e para o exame fenomenológico das implicações experienciais do ser-na-cidade e, inerentemente, do ambiente tecnológico.

CONCEITUANDO TECNOLOGIA

Como se está considerando a tecnologia como uma característica essencial da cidade, e como se está sugerindo que a negociação e a articulação da relação corpo-tecnologia é primordial para a experiência do ser-na-cidade, é necessário esclarecer o termo tecnologia antes de prosseguir. Como palavra **tecnologia** tende a ser usada no discurso

cotidiano com tal onipresença que o seu significado particular muitas vezes permanece bastante vago. Sua raiz é aquela do grego *technē*, referindo-se frequentemente ao conhecimento técnico ou artístico (distinguindo-se de *epistēmē*, ou conhecimento teórico), e *logos* referindo-se ao discurso. Portanto, nesse sentido, tecnologia se refere ao discurso ou conhecimento da produção artística ou artesanal. No entanto Heidegger (1977) observa que, para os gregos, *technē* pertence à *poiēsis* – engendrando sua ocultação. Como tal, *technē* não se refere ao conhecimento artístico ou artesanal, mas significa “[...] um deixar-aparecer algo como isso ou aquilo, dessa ou daquela maneira, no âmbito do que já está em vigor” (HEIDEGGER, 2012, p.139)³. Na sua utilização mais comum tecnologia tende a se referir às coisas que não ocorrem naturalmente, resultantes do discurso e do conhecimento da produção artística ou artesanal – ou seja, àquelas coisas construídas que foram feitas para aparecer de determinado modo e servir como meio para determinados fins.

Kline (2003, p.210), observando tanto a ubiquidade quanto a inexatidão em torno do uso da palavra tecnologia, salienta que ela se refere simultaneamente a “[...] coisas, ações, processos, métodos e sistemas”⁴. Ele chama atenção para os quatro usos predominantes da palavra tecnologia. O primeiro e, talvez, o uso mais comum (como mencionado acima), se refere às **ferramentas e artefatos não naturais** manufaturados pelos humanos. O segundo uso se refere aos **sistemas sociotécnicos de manufatura**, inclusive todos os elementos que contribuem para a criação de determinado artefato (trabalho, maquinário, ambiente físico, econômico, político e legal). O terceiro uso

observado se refere ao **conhecimento, à metodologia** ou ao “*know-how*”. O quarto uso que Kline (2003) aponta se refere aos **sistemas sociotécnicos de uso**, que incluem combinações de artefatos e pessoas (entre outros elementos) que permitem que os humanos realizem tarefas que, de outro modo, não poderiam fazer, ao aumentar suas capacidades. Kline (2003) sugere que é particularmente importante compreender a tecnologia em termos de **sistemas sociotécnicos de manufatura** e de **sistemas sociotécnicos de uso**, pois nesses sistemas abrangentes as **técnicas** e os **artefatos** estão atados.

Muitas vezes a tecnologia é pensada como um simples meio para se atingir um fim (definição instrumental), contudo, neste caso, foi afirmada uma relação linear como o verdadeiro significado dessa caracterização. Como Jonas (2003) observa, com a **moderna** tecnologia essa relação de meios e fins é menos linear do que circular. Ele observa que, como processo, a tecnologia moderna tende ao não equilíbrio, por gerar incessantemente novas direções para inovações subsequentes que tendem a se espalhar rapidamente, facilitadas pela tecnologia e asseguradas pela competição. Estes processos são particularmente acelerados pela proliferação das tecnologias de comunicação e sentidos de modo mais intenso no espaço da cidade. Jonas (2003) sugere que, como resultado dessas características, o “progresso” é um condutor inerente da tecnologia, e não um mero conceito ideológico, na medida em que se baseia no que veio antes. Stiegler (1998, p.33) dialoga com esse texto: “O progresso técnico consiste em sucessivos deslocamentos de limites”⁵. Ele escreveu: “A inovação acompanha a transformação do sistema técnico enquanto delinea as consequências para outros sistemas”⁶ (STIEGLER, 1998,

3 N.E.: Nos casos das citações textuais que possuíam traduções publicadas para o português, optou-se pelo seu uso direto. Nos casos em que tais traduções não estavam disponíveis, optou-se pela tradução livre das citações, com a transcrição da língua original em nota de rodapé, como no padrão da revista.

4 “[...] things, actions, processes, methods, and systems”.

5 “Technical progress consists in successive displacements of its limits”.

6 “Innovation accomplishes a transformation of the technical system while drawing the consequences for the other systems”.

p.36). Tanto em Jonas (2003) quanto em Stiegler (1998) a atenção se volta para os caminhos fundamentais pelos quais a tecnologia abre novas possibilidades para mais inovações colocando novos limites e consequências (alguns são planejados e/ou previstos, enquanto que muitos não o são).

Heidegger (1977) questiona o significado fundamental da definição instrumental de tecnologia, como a de meros meios voltados para um fim, em “A Questão da Técnica”. Ele observa que, mesmo que a definição instrumental de tecnologia esteja, em determinado nível, correta, não oferece a compreensão mais acurada da essência da moderna tecnologia. A essência da moderna tecnologia, para Heidegger, é em si não tecnológica, mas um processo de “desabrigar” a “subsistência” (*Bestand*) da natureza. Isso talvez tenha sido colocado de modo mais simples por Heidegger (2000, p.19) em “Serenidade” onde escreveu: “A Natureza transforma-se num único posto de abastecimento gigantesco, numa fonte de energia para a técnica e a indústria modernas”. Para Heidegger a essência da moderna tecnologia não pode ser reduzida às atividades humanas mecânicas e individuais. Ela é tudo o que permeia o processo do “desabrigar” ao “direcionar-se” como um modo particular do “colocar em evidência”. É a preocupação em “explorar”, “transformar”, “armazenar”, “renovar comutando” e “distribuir” aquilo que está oculto na natureza e pode ser colocado em uso. Heidegger (1977) usa a palavra **armação** (*Ge-stell*) para descrever o tipo de direção que define esse “desabrigar”. Stiegler (1998, p.24), a partir de Heidegger, caracteriza o movimento em direção à moderna tecnologia comentando:

A técnica comanda (*kbernaô*, o *etymon* de cibernética) a natureza. A natureza é consignada pelas técnicas nesse sentido:

a natureza se torna a assistente, a auxiliar; de modo semelhante é explorada pelas técnicas, que se tornaram o mestre⁷.

Implica aqui o duplo significado de “dirigir”: “comandar” como também de “organizar”. Podemos conceituar a cidade como o espaço mais exemplar desse processo de “desabrigar” ao “dirigir”, onde o processo de “explorar”, “transformar”, “armazenar”, “distribuir” e “renovar comutando” se manifestam nas densas redes tecnológicas superpostas pelas quais navegamos em nossa vida cotidiana.

A discussão anterior de Heidegger (2005) em “Ser e Tempo” sobre “o ser dos entes que vêm ao encontro no mundo circundante” também traz à consideração inúmeros pontos relevantes ao primeiro plano da discussão. Ali, Heidegger discute a dinâmica envolvida em nossa relação com o **instrumento** (*Zeug*) assim como o encontramos em nossa experiência cotidiana. Ele observa que em nossas relações cotidianas encontramos instrumentos para escrever, costurar, trabalhar, transportar, medir, etc.; e, em seu nível mais fundamental o instrumento está sempre “à mão”. Nesta estrutura do “à mão” reside uma **ocupação** ou **referência** da coisa para a circunvisão. O exemplo que ele oferece, frequentemente citado, é o do martelar do martelo. Ao discutir esse exemplo Heidegger aponta que, o “para o que se usa” “destina-se”, constitui o tipo de ser que o instrumento possui por estar “ao-alcance-da-mão” (*Zuhandenheit*). Além disso, quanto mais pegamos o martelo e o colocamos em uso, “mais originário se torna o relacionamento com ele” (HEIDEGGER, 2005, 110). Dreyfus (1990, p.64), em seu comentário sobre “Ser e Tempo”, nota adicionalmente que “quando estamos usando o instrumento ele tem a tendência à

⁷ “Technics commands (*kbernaô*, the *etymon* of cybernetics) nature. Before, nature commanded technics. Nature is consigned by technics in this sense: nature has become the assistant, the auxiliary; in similar fashion, it is exploited by technics, which has become the master”.

'desaparecer'. Nós não estamos cientes de que ele tenha quaisquer de suas características"⁸. No que Dreyfus chama de **cópia absorvida**, o conhecimento do instrumento retrocede em transparência quando estamos absorvidos na tarefa manual com o manejo hábil e o bom funcionamento do instrumento.

Heidegger (2005) acrescenta que quando o equipamento quebra ou não se encontra mais em condição de ser utilizado ("**não está à mão**"), é neste momento preciso que o equipamento em relação a todo referencial torna-se visível. Nós tomamos consciência de nossa relação com o equipamento e com todo o referencial, uma consciência que recuou atrás da execução habilidosa e bom funcionamento do equipamento. Como ele escreveu:

O instrumento não pode ser empregado – isso significa: a referência constitutiva entre o ser para um (Um-zu) e um ser para isso (Dazu) acha-se perturbada [...] Numa **perturbação da referência** – na impossibilidade do emprego para [...], a referência se explicita, [...] (HEIDEGGER, 2005, p.117, grifos no original).

Dreyfus (1990, p.72, grifos no original), ao caracterizar isso mais adiante, escreveu:

A ruptura temporária, onde algo bloqueia a atividade contínua, requer uma mudança para um modo no qual o que era anteriormente transparente se torna explicitamente manifesto. Privados, do acesso ao que contamos normalmente, agimos **deliberadamente** prestando atenção ao que estamos fazendo⁹.

8 "When we are using equipment, it has a tendency to 'disappear'. We are not aware of it as having any characteristics at all".

9 "Temporary breakdown, where something blocks ongoing activity, necessitates a shift into a mode in which what was previously transparent becomes explicitly manifest. Deprived of access to what we normally count on, we act **deliberately**, paying attention to what we are doing".

A partir do que foi exposto, podem ser estabelecidas algumas premissas para a presente discussão: a) ser-na-cidade caracteriza-se por uma negociação contínua com uma totalidade relacional de equipamentos em constante expansão, que necessariamente envolve o enfrentamento do cotidiano (ou simplesmente ocupando-se um local no espaço urbano para resolver esse assunto). Esta totalidade relacional, em constante expansão, resulta das dinâmicas observadas por Jonas (2003) e Stiegler (1998) como característica essencial da tecnologia; b) o envolvimento ou a necessária negociação com a tecnologia no espaço da cidade é algo que se torna cada vez mais normalizado, transparente e primordial através do uso cotidiano, da familiaridade ou do hábito; e c) Na medida em que uma pessoa está necessariamente cercada por tecnologia por todos os cantos da cidade, o defeito ou **não estar à mão** do equipamento (em níveis que variam do micro ao macro) também é um aspecto cotidiano da navegação na paisagem urbana, na qual relações de outro modo normalizadas/ transparentes/ primordiais tornam-se visíveis a partir da ausência de prontidão para o uso.

"Fenomenologia das Técnicas" de Don Ihde (1990), ao se basear em ideias de Heidegger e Merleau-Ponty, apresenta outros pontos relevantes ao discutir sobre a dinâmica que caracteriza a navegação na cidade. Aqui, Ihde (1990, p.73) define **técnica** como: "[...] a simbiose do artefato e do usuário em uma ação humana"¹⁰. Em sua "Fenomenologia das Técnicas", Ihde apresenta várias relações existenciais que temos com a tecnologia, incluindo: **relações corporais, hermenêuticas, de alteridade e de fundo**. As **relações corporais** descrevem a maneira pela qual a tecnologia vem a ser incorporada ao corpo e à experiência do mundo. Um exemplo oferecido por ele é o da relação que temos com os óculos: o relacionamento do "eu-óculos-mundo", através da

¹⁰"[...] the symbiosis of artifact and user within a human action".

normalização do experimentar o mundo através dos óculos, passa a ser reescrita como "(Eu-óculos)-mundo". Como Ihde (1990, p.72, grifos no original) escreveu, com as **relações corporais**, "[...] tomo as tecnologias **como** minhas experiências de uma forma particular, como modo particular de perceber **através** dessas tecnologias e através da transformação reflexiva do meu senso perceptivo e corporal"¹¹. Na medida em que essa experiência através da tecnologia se torna cada vez mais normalizada, ela torna-se cada vez mais "transparente". Além disso, o melhor ajuste da tecnologia em relação ao corpo e ao manuseio torna mais suscetível seu recuo para o fundo da consciência. Em Ihde a noção de **relações hermenêuticas** se refere às tecnologias entendidas como algo a ser lido e interpretado. Como ele escreve: "As tecnologias legíveis clamam pela extensão de minhas capacidades hermenêuticas e "linguísticas" **através** de instrumentos, enquanto a própria leitura mantém a sua localização perceptual corporal como uma relação **com** ou **para** a tecnologia"¹² (IHDE, 1990, p.88, grifo no original). Mais adiante ele escreve: "Através das relações hermenêuticas podemos, por assim dizer, **ler-nos** em qualquer situação possível sem estar lá"¹³ (IHDE, 1990, p.92, grifos no original). Com as **relações de alteridade**, a tecnologia torna-se a outra ou quasi-outra **com** a qual nos relacionamos. Além dessas três variações, Ihde (1990) também discute as **relações de fundo**, observando que quando as tecnologias operam em segundo plano, a "retirada" de sua pretensa manifestação ocorre como uma espécie "ausência" presente, onde a tecnologia opera como

11 "[...] I take the technologies **into** my experiencing in a particular way by way of perceiving **through** such technologies and through the reflexive transformation of my perceptual and body sense".

12 "Readable technologies call for the extension of my hermeneutic and 'linguistic' capacities **through** the instruments, while the reading itself retains its bodily perceptual location as a relation **with** or **towards** the technology".

13 "Through hermeneutic relations we can, as it were, **read** ourselves into any possible situation without being there".

se estivesse "ao lado". É ainda parte do campo experiencial, ainda que, por definição, no fundo.

A "Fenomenologia das Técnicas" de Ihde, e a linha genealógica do pensamento da qual deriva (principalmente Husserl, Heidegger, e Merleau-Ponty), provê um riquíssimo ponto de entrada para o pensamento sobre o "Ser-na-Cidade", onde qualquer momento é caracterizado por uma textura complexa, com múltiplas camadas, que em sua familiaridade, muitas vezes é normalizada e tornada transparente. O que poderia ser desenvolvido a partir de Ihde é estudo do modo nuançado sob os quais as relações são negociadas sempre em um fluxo constante. A navegação no ambiente tecnologicamente constituído da cidade envolve necessariamente densas camadas de relações ocorrendo a qualquer momento, muitas vezes nos deslocamos entre elas de um instante para outro. Essas relações podem ser mais ou menos complexas ou densas em um determinado momento e podem variar de acordo como são vistas. Frequentemente, a consciência dessas relações recua para fundo da experiência cotidiana em sua normalização.

Um último ponto na contextualização no que se refere à conceituação da tecnologia: como Nardi e O'Day apontam, o próprio idioma que usamos para descrever nossa relação com a tecnologia tende a colorir nossa percepção. Num nível mais geral, eles notaram (como muitos outros) que grande parte do discurso sobre a tecnologia tende a se situar no espectro que vai da utopia à distopia. Além disso, eles destacam a frequência com que as metáforas são comumente utilizadas para descrever nosso relacionamento com a tecnologia contribuindo para moldar nossa percepção dessa relação de diversas maneiras - às vezes iluminando-as e outras obscurecendo-as. Dentre as metáforas mais comumente observadas estão: **tecnologia como ferramenta, tecnologia como texto, tecnologia como sistema e tecnologia**

como **ecologia**, (todas operando implicitamente em vários lugares acima). Eles sugerem que descrever a **tecnologia como ferramenta** envolve vê-la como um meio para um fim (a definição instrumental) e implica no controle ou domínio sobre ela. A **tecnologia como texto** envolve ver a ver a tecnologia como portadora de significado - algo a ser lido e interpretado de modo a que se compreendam seus imperativos em diferentes contextos sociais. A **tecnologia como sistema** tende a envolver a percepção da inextricável e inexorável qualidade da mudança tecnológica, e a sensação de estar preso a ela. E a metáfora sobre a qual são mais favoráveis é a da **tecnologia como ecologia**. Como eles observam essa metáfora tende a promover a visão do homem como ser “[...] rodeado por uma densa rede de relacionamentos em um ambiente local”¹⁴ (NARDI; O’DAY, 1999, p.27). A metáfora da **tecnologia como ecologia**, portanto, tende a oferecer um maior grau de mediação entre os atores do ambiente sendo de alguma forma apropriada a partir da noção de que as técnicas são uma relação simbiótica entre o corpo e a tecnologia. A noção de **tecnologia como ecologia** é particularmente apropriada para pensarmos sobre o Ser-na-Cidade – o que é uma cidade senão uma ecologia tecnológica? Estão implicados nesse termo tanto o orgânico quanto o mecânico, O movimento dos corpos com, dentro, e em relação com a tecnologia, numa variedade de níveis e num ambiente de múltiplas camadas, que é a cidade.

CONSTRUIR E HABITAR: A CIDADE COMO ECOLOGIA TECNOLÓGICA

Na medida em que a ecologia lida com as relações e interações entre os organismos e seu ambiente, parece apropriado pensar na cidade como uma ecologia tecnológica. O ambiente da cidade compreende

¹⁴ “[...] surrounded by a dense network of relationships in local environments”.

predominantemente a tecnologia, e ser-na-cidade envolve, necessariamente, estar enredado numa relação complexa, simbiótica e com muitas camadas de tecnologia em constante negociação e em fluxo contínuo. Como Lash (2002, p.15) aponta: “Eu funciono como uma interface homem-máquina - isto é, como uma forma tecnológica da vida natural – porque devo navegar necessariamente através das formas tecnológicas da vida social”¹⁵. Como o ambiente da cidade é predominantemente tecnológico, praticamente todos os movimentos corporais envolvem camadas de relações com a tecnologia que estão, em determinado momento, mais ou menos próximas ao primeiro plano da consciência. Kittler fala sobre a multiplicidade de camadas da cidade em termos de redes de trabalho. Ele escreveu: “Em uma cidade, redes se sobrepõem a outras redes. Cada semáforo, cada estação de metrô, todos os escritórios, assim como todos os bares e bordéis, apontam para este fato”¹⁶ (KITTLER, 1996, p.719). A cidade compreende muitas camadas de redes – econômicas, sociais, políticas, de transportes, de informação, de encanamentos, de eletricidade, etc. Todas essas redes são, de algum modo, o que Kline (2003) chama de **sistemas sociotécnicos de manufatura** e de **sistemas sociotécnicos de uso**. A manufatura e o uso correspondem de modo aproximado, às atividades mais primárias que governam o espaço da cidade: construir e habitar.

Acidade como ecologia tecnológica se caracteriza fundamentalmente pelo construir e pelo habitar. Heidegger (2012, p.125) em seu ensaio “Construir, Habitar, Pensar” examina a relação entre estas atividades perguntando: “O que é habitar?” e “em que medida pertence ao habitar um construir?” Observa que o habitar é algo alcançado somente pelo

¹⁵ “I operate as a man-machine interface - that is, as a technological form of natural life - because I must necessarily navigate through technological forms of social life”.

¹⁶ “In a city, networks overlap upon other networks. Every traffic light, every subway transfer, and every office, as well as all the bars and bordellos, speak for this fact”.

construir, e que esse construir tem o habitar como meta. Nesse sentido, provisoriamente observa que construir e habitar estão relacionados como meios e fins. No entanto, a mesma cautela pode ser observada em “A Questão da Técnica”, onde a definição instrumental de tecnologia simplesmente como um meio para um fim foi questionada quanto à sua precisão essencial, aqui também o esquema meio e fim é visto como o ocultamento das relações essenciais do construir e habitar. Como Heidegger observa: “construir já é em si mesmo habitar”. Ele sugere que, embora nem todos os edifícios sejam habitações, eles pertencem ao domínio do habitar. Enquanto coisas como pontes, hangares, estádios, usinas elétricas estações ferroviárias, rodovias, represas, mercado, etc. não são habitações (no sentido mais restrito), “essas construções oferecem ao homem um abrigo” (HEIDEGGER, 2012, p.125). Em nenhum lugar o habitar e o construir é mais concentrado do que na cidade, e a forma como a construção e a habitação estão articuladas no espaço da cidade, necessariamente, molda a própria experiência da cidade.

Como um corpo orgânico habitando na ecologia tecnológica que é a cidade, estamos necessariamente envolvidos em uma negociação contínua e com múltiplas camadas de tecnologias desde quando acordamos. Como Ihde (1990, p.1) sugere: “É provável que sejamos chamados por uma determinada tecnologia a despertar nossa consciência, seja o toque de um alarme, o sinal sonoro de um relógio de quartzo ou os sons de um rádio relógio”¹⁷.

Ihde ressalta a vasta gama de objetos tecnológicos mundanos com os quais provavelmente nos envolveremos na primeira hora após acordarmos: camas, cobertores, banheiros, encanamentos, utensílios de cozinha, nos deslocando para os meios de transporte, automóveis,

¹⁷ “It is likely that we are called into waking consciousness by a technology, be it the ringing of an alarm, the beeping of a quartz clock, or the sounds of a clock-radio”.

etc., todos eles estão na gênese de trajetórias tecnológicas particulares, mergulhadas em **sistemas sociotécnicos de manufatura** e em **sistemas sociotécnicos de uso**, e todos numa interação que envolve negociação. Implícita neste termo está a maneira pela qual as interações com a tecnologia são inerentemente relações bidirecionais. Ihde (2002, p.137-138) destaca essa questão: “[...] todas as relações dos humanos com a tecnologia são relações de duas mãos. Na medida em que Eu a utilizo ou a emprego, Eu também sou utilizado e empregado por ela”¹⁸.

Como no espaço da cidade a tecnologia é onipresente, esta negociação é particularmente inevitável. Deslocar-se pela cidade envolve a navegação em meio a tecnologias que abarcam a paisagem, tais como: edifícios, calçadas, ruas, pontes, semáforos, placas de sinalização, postes de iluminação pública, telefones, fiação elétrica e telefônica, propagandas, telas de TV, etc. É também uma negociação com as tecnologias que se manuseia e se utiliza nas relações diárias, como chaves, portas, ferramentas, canetas, livros, computadores, bolsas, celulares, mapas, etc. Existem também as tecnologias que são incorporadas à experiência corporal do ambiente como sapatos, casacos, óculos, e várias outras próteses. E existem aquelas tecnologias operando todo o tempo no apoio tais como redes elétricas, redes de comunicação, encanamentos, termostatos, etc.

Minha própria experiência mundana cotidiana exemplifica uma articulação particular dessa negociação em múltiplas camadas com a tecnologia. Nesse momento estou sentado em um aposento, em um edifício, na cidade¹⁹. Nesse sentido eu estou literalmente dentro

¹⁸ “[...] all human-technology relations are two-way relations. Insofar as I use or employ a technology, I am used by and employed by that technology as well”.

¹⁹ O aposento no qual estou sentado fica no quarto andar da Biblioteca de Referência de Toronto, e da mesa à frente da qual estou sentado se descortina, a partir de uma grande janela, a paisagem urbana da Yonge Street, que atualmente detém o título de “rua mais longa do mundo”.

da tecnologia numa variedade de níveis diferentes. Praticamente todos os aspectos do meu campo de percepção estão correntemente envolvidos com a tecnologia e minha postura corporal e meus movimentos são conformados pela negociação com coisas como meu casaco e a cadeira na qual estou sentado, ou na relação com a mesa frente a qual estou sentado, ou com o computador que estou digitando. No momento estou ouvindo música com fones de ouvido, no entanto, o volume está baixo e, portanto, é bem discreto. Este aspecto da paisagem sonora parece se fundir com o ruído baixo do sistema de ventilação, cujas correntes de ar frio são experimentadas pelos meus braços descobertos. Em certo momento, o frio do ar que circula no microclimado edifício me leva a vestir um suéter. Estou sentado bem em frente à grande janela e a vista consiste inteiramente em concreto, aço e vidro. A maior parte do quadro é dominado pelas estruturas dos edifícios. Na parte superior direita da janela há um edifício que foi incorporado por um exoesqueleto de andaimes e, na extrema direita, um grande guindaste mecânico gira para dentro e para fora da janela, exemplificando a preocupação fundamental da cidade com a edificação.

Eu estou necessariamente engajado na negociação com as múltiplas camadas da tecnologia. O sitio mais imediato da minha negociação em meio a essas densas redes de relações tecnológicas é o corpo, e o modo pelo qual a relação corpo-tecnologia é negociada envolve uma constante reformulação dos regimes perceptivos, que são ao mesmo tempo mundanos e profundos. Merleau-Ponty (1999, p.199) implicitamente articulou os aspectos mundanos e profundos dessa relação ao escrever: “O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos”. É através do nosso engajamento cotidiano com a tecnologia que ao nossa relação com essas coisas se torna normalizada, mundana, habitual, familiar e transparente. No entanto,

o modo como essa relação é negociada envolve a reformulação e a expansão de nosso modo particular de ser-no-mundo.

MOVENDO-NOS NA CIDADE

Ser-na-cidade envolve movimento. A expansão de nosso ser-no-mundo pela apropriação de instrumentos pode ser exemplificada ao examinarmos a negociação entre a tecnologia e o corpo a partir dos vários modos de deslocamento pela cidade. Essa negociação ocorre em vários níveis de consciência, com gradações que vão do primeiro plano ao fundo e que podem ser mais ou menos complexas e referir-se a múltiplas camadas a cada movimento. A variedade de modos pelos quais os corpos se movem na cidade exemplificam variações tecnológicas simultaneamente mundanas e profundas. O meio pelo qual a relação tecnologia-corpo é negociada e articulada na vida cotidiana indica que a cidade possui importantes implicações perceptivas e, portanto, epistemológicas. Kingwell (2008, p.24, grifos no original) reconhece a ligação entre a epistemologia e os espaços vividos urbanos ao escrever:

[...] a epistemologia e a filosofia da mente estão mais ligadas às redes e espaços reais do que as ocupadas pelas entidades conscientes, as ruas e os locais das cidades atuais. Epistemologia é arquitetura, e arquitetura é epistemologia, porque ambas dizem respeito à nossa experiência do mundo **como espaço**²⁰.

Kingwell destaca o modo pelo qual a experiência corporal do espaço urbano molda a consciência, reconhecendo a natureza, mutuamente constituída, desse relacionamento. Como ele escreveu:

²⁰ “[...] epistemology and philosophy of mind are further linked to the real grids and spaces that we conscious entities occupy, the streets and places of actual cities. Epistemology is architecture, and architecture epistemology, because both concern our experience of the world **as space**”.

A consciência molda a cidade. Ela edifica os lugares, resultado da imaginação e do planejamento humano [...] A cidade também molda a nossa consciência, tornando os lugares habitações, locais de trabalho e de encontros amorosos. Eles abrigam e orientam nosso fluxo de pensamento²¹ (KINGWELL, 2008, p.136).

Ao pensarmos sobre os vários modos de como a relação tecnologia-corpo é negociada ao nos movimentarmos no espaço da cidade, podemos justapor muitos modos corriqueiros de viajarmos que são diversamente mediados, em maior ou menor grau, pela tecnologia. Entre eles: caminhar, andar de bicicleta, dirigir e ir de metrô. Ao fazê-lo, as implicações perceptivas, experienciais e epistemológicas (todas se cruzam entre si) são reveladas. As particularidades de um espaço qualquer da cidade, em sua configuração (*layout*), geografia e infraestrutura, se prestam, com maior ou menor eficácia, a modos particulares de nos deslocarmos sendo, certamente, consideração principal e objeto de contestação do planejamento urbano. Em um nível mais primário, no entanto, um relato das variações tecnológicas do deslocamento na cidade revela as implicações perceptivas que envolvem a negociação na relação corpo-tecnologia.

Quando alguém está caminhado na cidade, o movimento é, em grande parte, conformado pela negociação com coisas, como calçadas, ruas, semáforos, carros, edifícios, outras pessoas, a configuração da cidade, sua geografia, etc. É também uma negociação que ocorre com as coisas mundanas (mas não menos sofisticadas tecnologicamente), tais como sapatos e roupas, e a adequação que possuem em relação ao meu corpo para a tarefa de caminhar, assim como a distância relativa entre estas coisas, a facilidade ou dificuldade que atributos

geográficos impõe em relação à adequação do corpo para se aí se localizar. Caminhar com lentidão propicia diferentes possibilidades perceptivas para a experiência da paisagem urbana. A habilidade potencial de atentar para os detalhes do ambiente no nível micro, num percurso vagaroso, pela paisagem urbana é muito ampliada quando caminhamos, em oposição ao movimento rápido dos modos de transporte. Podemos notar coisas que, de outra forma, não seriam percebidas ou apareceriam apenas como um borrão, nesses diversos modos de transporte. Desde os detalhes no nível da rua como os detritos de insetos ou de pássaros na calçada até o fluxo interminável de sinais e propagandas que procuram chamar a atenção, todos disponíveis numa forma que pode ser obscurecida pelos diferentes modos de deslocamento. A atenção é despertada, em maior ou menor grau, com base nos obstáculos imediatos, como a densidade de outros caminhantes, o tráfego de automóveis, de ciclistas, etc. Um corpo é vulnerável aos elementos naturais (vento, chuva, neve, calor ou frio, etc.), mediados somente pelas roupas. É ainda mais vulnerável a outros perigos como o tráfego. Caminhar, como modo de percepção, tem limites temporais e espaciais diversos do que outras formas de deslocamento, mediadas pela tecnologia, que ampliam o potencial corporal em termos de distância e de velocidade. Caminhar na cidade ainda que, certamente, seja menos mediado pela tecnologia, ou pouco ampliado, como articulação do relacionamento corpo-tecnologia, envolve também uma negociação complexa e em múltiplas camadas em uma variedade de níveis.

Mover-se pela cidade de bicicleta exige um nível mais elevado de integração entre o corpo e a tecnologia, amplia mecanicamente a capacidade natural do movimento corporal. Como a famosa observação de McLuhan (1969, p.59): “A roda é um prolongamento do pé”. O corpo de alguém já não está em mediação direta com a rua,

²¹“Consciousness shapes cities. They are built places, the results of human imagination and planning [...] Cities also shape consciousness then, becoming the places of our dwelling and occupation and love affairs. They house our thoughts and guide our flow”.

mas agora com os seus sapatos, apoiados em pedais presos a uma manivela, movendo engrenagens que giram as rodas envolvidas por pneus de borracha inflados - o novo ponto de mediação com a rua. As capacidades corporais aqui são muito ampliadas, pois velocidade e a distância são relativizadas em conformidade com esta nova capacidade. Há uma velocidade e flexibilidade oferecida para quem anda de bicicleta que, em muitos casos, é vantajosa em relação às viagens a pé ou de automóvel, quando se trata de espaços urbanos congestionados. Existe ainda certa intimidade, sem mediação, com o ambiente, mas o incremento tecnológico da velocidade resulta em uma experiência perceptiva bem diversa. Detalhes visuais que são perceptíveis durante a caminhada a pé passam a se apresentar como um borrão quando estamos numa bicicleta; e somos necessariamente atraídos por coisas diferentes quando andamos de bicicleta e quando andamos a pé. Há uma vulnerabilidade corporal maior ao andarmos de bicicleta, pois estamos lidando mais intimamente com o tráfego de automóveis. Ainda existe um contato imediato com o ambiente, que é mais mediado em outros modos de transporte, embora a experiência desse ambiente seja muito diversa da que quando caminhamos. O aumento combinado de velocidade e da intimidade com o ambiente muda a maneira como se experimenta o ar – ele é tangível, possui uma espessura diretamente correlacionada à velocidade.

Quando estamos totalmente absorvidos no ato de andar de bicicleta, ocorre uma simbiose verdadeiramente notável entre o corpo e a tecnologia. Na navegação habilidosa pelas ruas da cidade, utilizando-se a bicicleta, quando todas as coisas estão funcionando de forma fluida, a consciência do relacionamento com a tecnologia tende a se deslocar para o fundo. Essa relação se torna visível quando ocorre uma falha no equipamento (que pode ser sutil ou drástica). Quando as coisas fluem facilmente há uma notável unidade entre o corpo e a bicicleta –

a bicicleta se torna uma extensão do corpo. O que é mais marcante na negociação corpo-tecnologia quando falamos da bicicleta é que exemplifica um tipo profundo de memória corporal que se refere muito mais ao movimento do que a retenção consciente. O ditado popular “é como andar de bicicleta” testemunha o fato de que parece haver uma espécie de memória corporal profundamente enraizada de como andar de bicicleta, mesmo após a passagem de longos períodos de tempo. Merleau-Ponty aludiu a um tipo semelhante de memória corporal na sua discussão sobre o hábito, com o exemplo da datilografia. Como ele escreveu: “Pode-se saber datilografar sem saber indicar onde estão, no teclado, as letras que compõem as palavras” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.199). Tanto ao pedalarmos quanto ao datilogarmos (como em muitas outras relações corpo-tecnologia) há um tipo de memória corporal agindo que é muito diferente lembrança consciente ativa.

A simbiose corpo-tecnologia é diversamente exemplificada quando se dirige um automóvel. Esta variação de movimento, tecnologicamente mediado, proporciona mais conhecimento sobre as implicações perceptuais da negociação nesta relação. Num automóvel, de modo oposto ao pedalar ou caminhar, o corpo está literalmente dentro da tecnologia e, portanto, há uma maior mediação tecnológica na própria experiência do ambiente. Existe um microclima dentro do automóvel que pode ser manipulado de modo bem sofisticado. Nesse sentido há uma lacuna entre o interior e o exterior que não encontramos nos exemplos anteriores. Dirigir um automóvel envolve diversas relações com a tecnologia, como propostas por Ihde (1990), que ocorrem simultaneamente. Ser-no-automóvel implica em **relações corporais** na medida em que se está encarnado no automóvel, experimentando o espaço **através** do automóvel. Há ao mesmo tempo um número de **relações de fundo** (o termostato, o ruído do motor funcionando, a suspensão, etc.); as **relações hermenêuticas**, que são exemplificadas

explicitamente nos numerosos indicadores do painel que devem ser lidos; e, minha relação com os outros automóveis que estão na via, certamente é de **alteridade**. Ademais, pode se afirmar que estas relações não são nada estáticas – elas são complexas, multivariadas e estão em constante movimento. Dependendo de como a relação corpo-tecnologia é negociada pode-se deslizar entre elas de um momento para o outro. Por exemplo, há um deslocamento da **relação corporal** para a **relação de alteridade** quando descemos do carro. Além disso, no caso de um defeito, a transparência entre as **relações corporais** e de **fundo**, no fluxo entre lidar com habilidade e com o bom funcionamento da tecnologia, se torna uma **relação de alteridade** e uma **relação hermenêutica** no momento em que a falha requer um diagnóstico.

Quando dirigimos pela cidade fazemos um número assombroso de considerações – devemos atender a um número muito grande de variáveis e a margem de erro é muito pequena. Por outro lado, quanto mais dirigimos pela cidade mais essas variáveis complexas recuam para o fundo, como resultado de nossa capacidade de lidar com elas com habilidade. Alguns são capazes de dirigir em estacionamentos muito apertados e no tráfego intenso característico das cidades. Mais uma vez isso se refere a uma certa unidade alcançada na relação corpo-tecnologia, onde o corpo assume o exoesqueleto do veículo aumentando dramaticamente as capacidades corporais e as relações espaço-temporais. Merleau-Ponty alude à habilidade de navegar no espaço intuitivamente, utilizando extensões do corpo, em sua discussão sobre o hábito, citando especificamente o exemplo de dirigir. Ele escreveu

Se tenho o hábito de dirigir um carro, eu o coloco em uma rua e vejo que “posso passar” sem comparar a largura da rua com a dos pára-choques, assim como transponho uma porta sem

comparar a largura da porta com a de meu corpo (MERLEAU-PONTY, 1999, p.198).

Aqui, Merleau-Ponty (1999, p.198) observa que experimentamos o espaço não a partir dos objetos com suas medidas específicas (tamanho e volume), mas a partir das coisas como “potências volumosas” em relação sua “a exigência de um certo espaço livre”. Novamente, podemos ver certa unidade simbiótica alcançada entre a tecnologia e o corpo. Isto se relaciona também com a noção de transparência tecnológica em Ihde (1990) alcançada nas **relações corporais**, que por sua vez estão muito próximas da discussão de Heidegger sobre a familiaridade e a habilidade de manejar um equipamento no ambiente.

Outra variação do deslocamento tecnológico pela cidade, que exemplifica ainda mais as implicações perceptivas da negociação do corpo com a tecnologia, é a de andar no metrô. Ser-no-metrô é também estar encarnado na tecnologia, ainda que de modo diverso de dirigir um automóvel, que exige o controle do seu movimento. Como resultado há menos demandas imediatas do que para quem está pedalando, dirigindo ou caminhando. Como resultado destas diferentes demandas de atenção, e do fato de que se está viajando abaixo do solo, deslocar-se pela cidade deste modo implica num conjunto diferente de percepções. Quando estamos no metrô embarcamos num determinado ponto do sistema, passando por roletas, bilheterias eletrônicas, máquinas de passar o cartão, multidões (cujo fluxo e refluxo dependem da hora do dia). Descemos abaixo de nível do solo onde nos é negado o acesso perceptivo à geografia da superfície. Portanto, este modo de transporte se caracteriza por grandes pontos cegos em referência à geografia da superfície.

Ao pensarmos sobre a negociação específica e sobre as implicações perceptivas dos modos particulares de nos deslocarmos pela cidade,

os conceitos de familiaridade (Heidegger) e de hábito (Merleau-Ponty) esclarecem complementarmente como esta negociação corpo-tecnologia ocorre no tempo. Além do meio específico de transporte, certamente será uma experiência muito diferente navegarmos em um espaço urbano pela primeira vez, em oposição aos caminhos que tomamos usualmente como referência. Navegar por espaços desconhecidos da cidade implica comumente em **relações hermenêuticas** (mapas, direções, placas de sinalização, etc.) contribuindo para a orientação espacial, enquanto que navegar nos espaços familiares do cotidiano tende a ser quase inconsciente. Assim como a própria cidade pode ser vista, no nível macro, como uma tecnologia com qual estamos em constante negociação e encarnados, o que Heidegger observa com o seu exemplo do martelo (de que quanto mais o manuseamos e o utilizamos mais primordial se torna nossa relação com ele), pode ser também ampliada para o modo como nós experimentamos o movimento cotidiano em termos de espaços familiares ou desconhecidos. Quanto mais utilizamos a cidade como tecnologia em nossas relações cotidianas, quanto mais primordiais essas relações se tornam, mais os equipamentos que estão envolvidos na navegação diária pela cidade recuam para o fundo. Ao navegarmos por espaços urbanos desconhecidos, a cidade como tecnologia é experienciada como “não estando à mão”. Relacionamentos que se afastam da transparência, como resultado de sua familiaridade (pelo uso cotidiano de rotas e modos de transporte específicos), se tornam conspícuos, “não estando à mão” nos espaços desconhecidos.

EXPERIENCIANDO ESPAÇOS ARQUITETÔNICOS

Na cidade o movimento cotidiano se dá dentro e entre estruturas arquitetônicas envolvendo necessariamente a negociação com

limiaries. Como Kingwell (2008, p.158, grifos no original) escreveu: “limiaries são uma anomalia ontológica, um espaço fora do espaço, existindo somente com o seu desaparecimento. Assim a função do limiar não é a de que **seja extenso**, mas a de **separar** e, também, de **ser cruzado**”²². A arquitetura, em seu nível mais fundamental, trata da construção de fronteiras que delineiam e criam espaço. As próprias estruturas possuem limiaries que são mais ou menos permeáveis a diferentes coisas (p. ex. corpos, luz, som, ar, etc.). Eles determinam o que constitui o privado versus o que é público e, frequentemente, devido à permeabilidade das fronteiras, estas podem ser ofuscadas ou invadidas.

Kingwell reconhece a amplitude do conceito de **limiar** que governa, não somente a criação das estruturas arquitetônicas, mas também de espaços significativos e, inclusive, o modo fundamental como se caracterizam em nossa própria consciência. Ele escreveu: “A lógica do dentro e do fora pertence a todos nós – não somente porque nós precisamos viver com e em edifícios, mas também, de um modo mais profundo, porque eles estruturam a nossa própria consciência”²³ (KINGWELL, 2008, p.93). Portanto, podemos pensar no perpétuo cruzamento dos limiaries, não somente como algo que caracteriza o movimento no espaço, mas também de algo que está estreitamente relacionado com as dimensões experienciais da comunicação, da percepção e da consciência.

Kingwell (2008) vê o ato de cruzar limiaries, algo que fazemos todo o tempo em que nos deslocamos pela cidade, como estreitamente

²²“The threshold is an ontological anomaly, a space outside of space, existing only in its vanishing [...] The function thus of the threshold, therefore, is not to **be wide** but to **separate**, and thus to **be crossed**”.

²³“The logic of inside and out belongs to us all - not only because we all must live with and in buildings, those monuments to human desire, but also because, and more profoundly still, it structures consciousness itself”.

relacionado com a noção de *Zuhandenheit* (“ao-alcance-da-mão”) de Heidegger. Como ele escreveu:

de fato, o ato mundano de cruzar inconscientemente é um bom exemplo do que Heidegger chama *Zuhandenheit*, o ao-alcance-da-mão de atos ou espaços potencialmente reveladores, cujas possibilidades de revelação são controladas pelo seu cotidiano²⁴ (KINGWELL, 2008, p.158).

A miríade de limiões estruturais que balizam e criam, todo o tempo, espaços na cidade é, certamente, exemplo da vasta e complexa infraestrutura tecnológica, desta fisicalidade da cidade em termos de espaço arquitetônico. Também é verdade que, no nível mais fundamental de nosso cotidiano sobre a cidade, a conspicuidade de nossos limites arquitetônicos tende a recuar para o fundo da consciência – particularmente nesses espaços muito familiares. Novamente a noção de Heidegger de ao-alcance-da-mão (*Zuhandenheit*) fala da experiência de cruzar limiões no espaço arquitetônico. Como ele observou quanto mais o martelo for colocado em uso mais transparente e primordial será a relação que temos com ele, o mesmo pode ser dito sobre a navegação nos limiões do espaço urbano. A observação de Heidegger sobre a conspicuidade de um defeito ou do não-estar-à-mão também demonstra isso. A familiaridade e o hábito tendem a resultar na transparência dos limiões na navegação cotidiana pela cidade. Esses limiões se tornam, eles mesmos, conspícuos com o defeito ou por não-estarem-à-mão (p. ex. fechadura quebrada, chaves perdidas, etc.). Há também a permeabilidade dos limites no espaço da cidade. A proliferação das comunicações e da tecnologia de comunicação no espaço da cidade tende a resultar na crescente permeabilidade

²⁴“Indeed, the mundane act of unself-conscious crossing is a good example of what Heidegger means by *Zuhandenheit*, the readiness-to-hand of potentially revealing acts or spaces, whose revelatory possibilities are held in check by their very everydayness”.

dos limites que delineiam o privado e o público – transbordamento das comunicações (*communication spills*). Isto é algo cada vez mais aparente com a proliferação de telefones celulares. As conversas que, antes desta tecnologia, eram mais confinadas ao espaço privado da casa ou do escritório se espalham no espaço público. E, em termos das residências, ruídos das ruas ou o barulho dos vizinhos, operadores de telemarketing, etc., permeiam as fronteiras do espaço privado evidenciando os diferentes tipos de limiões. Aqui também os modos como as relações corpo-tecnologia são negociadas redimensionam os tipos das coisas que entram no campo perceptual das pessoas e nos modos através dos quais percebem.

A CIDADE MIDIATIZADA

O movimento de informações através do ambiente urbano é constantemente reformatado pela tecnologia tendo implicações profundas na nossa experiência de espaço e de tempo. Como McQuire observa: “O intercâmbio da tecnologia digital com o sítio (*terrain*) urbano tem produzido um novo conjunto de pressões com trajetórias, ao mesmo tempo, centrípetas e centrífugas”²⁵ (MCQUIRE, 2008, p.20). Nosso deslocamento e experiência da cidade são cada vez mais caracterizados pela utilização de uma ampla variedade de mídias – tanto aquelas que fazem parte da paisagem urbana quanto as que acompanham nosso corpo no cotidiano urbano. Kittler (1996) vai longe ao observar até que ponto a cidade como um todo pode ser uma mídia. Como ele escreveu:

A MÍDIA grava, transmite e processa informação – esta é a mais elementar definição de mídia. A mídia pode incluir coisas

²⁵“The intermeshing of digital technology with urban terrain has produced a new set of pressures with both centripetal and centrifugal trajectories”.

antiquadas como livros, coisas familiares como a cidade, e invenções recentes como o computador²⁶ (KITTLER, 1996, p.722).

No nível micro ser-na-cidade envolve a negociação em curso, e a navegação, através de espaços cada vez mais mediados. A sempre crescente pletera de dispositivos de comunicação com os quais as pessoas tendem a se envolver caracteriza, dá textura e forma à experiência diária na cidade contemporânea. O modo como interagimos com a mídia na cidade envolve a reformatação da percepção (seja em termos das coisas que são percebidas, seja em estar aberto para modos totalmente diferentes de percepção), com impactos profundos na experiência de espaço e de tempo; no entanto esta experiência tende a ser rapidamente normalizada, novamente tornada transparente, através do relacionamento constante.

A crescente proliferação de tecnologias de comunicação, mais intensa no espaço urbano, é a manifestação do que Jonas (2003) considera como sendo a circularidade das relações dos meios e dos fins da moderna tecnologia e de sua capacidade incessante de gerar novas direções para a inovação. Além disso, as próprias tecnologias de comunicação são únicas, na medida em que têm a capacidade de acelerar a difusão de inovações e estes processos. O resultado desta sempre crescente proliferação de tecnologias de comunicação é uma mudança qualitativa na natureza da informação. Borgmann (2003, p.573, grifo no original) distingue **informação sobre a realidade**, de **informação para a realidade** e **informação como realidade**:

Tradicionalmente, as informações eram sobre, e para, a realidade. Mas a partir do desenvolvimento tecnológico dos

²⁶"MEDIA record, transmit and process information - this is the most elementary definition of media. Media can include old-fashioned things like books, familiar things like the city and newer inventions like the computer".

últimos cento e cinquenta anos, a informação continua sendo sobre, e para, a realidade, mas também começou a rivalizar com a própria realidade, emergindo a **realidade virtual**.²⁷

A **informação como realidade** pode ser vista como o resultado da gênese tanto da **informação para** quanto da **informação sobre a realidade**, e tornou-se perpetuamente expansível. As implicações experienciais disto levam a considerações significativas sobre a navegação no espaço urbano.

A cidade contemporânea, como observa McQuire (2008), é um **complexo midiático-arquitetônico** que redefine profundamente as percepções de tempo e de espaço. McQuire (2008, p.10) enfatiza nesta frase:

Habitar num espaço-tempo moldado com a proliferação de tecnologias de mídia altera fundamentalmente os parâmetros humanos sensoriais e perceptivos, sustentando uma série de encontros que questionam os limites do corpo e a autoridade da percepção encarnada.²⁸

Aqui McQuire se refere ao primado do corpo e às implicações perceptivas que envolvem as relações corpo-tecnologia num espaço urbano crescentemente mediado. O argumento amplo de McQuire (2008, p.vii) é da onnipresença da mídia no espaço urbano associada às tendências de convergência, de mobilidade e de instantaneidade, que "se torna um quadro constitutivo para um modo distinto de experiência social"²⁹. Como ele escreveu: "[...] a experiência espacial na vida social

²⁷"Traditionally, information has been about and for reality. But through still about and for reality, also has begun to rival reality, itself; and has emerged virtually as reality".

²⁸"Dwelling in a space-time framed by a proliferation of media technologies fundamentally alters human sensory and perceptual parameters, sustaining a range of encounters which questions the limits of the body and the authority of embodied perception".

²⁹"become a constitutive frame for a distinctive mode of social experience".

moderna emerge de um processo de co-constituição entre estruturas arquitetônicas e territórios urbanos, práticas sociais e retorno da mídia”³⁰ (MCQUIRE, 2008, p.vii). Para McQuire, a proliferação das mídias no ambiente urbano resulta na criação de “conjuntos espaciais híbridos”. Os modos como as relações corpo-tecnologia são negociados em relação às, sempre em expansão, formas de mídia, que compreendem a paisagem da cidade, tem profundas implicações perceptivas sobre a forma como nos relacionamos no espaço e no tempo. Como McLuhan (1969, p.69) já apontava: “Os meios, ao alterar o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e de agir – o modo de perceber o mundo”.

CONCLUSÃO

A cidade é um ambiente cotidiano constituído pela tecnologia e caracterizado pela proliferação contínua de tecnologia. Como tal, a cidade, mais do que qualquer outro espaço, pode ser pensada como uma ecologia tecnológica, onde nossa relação com o ambiente (e cada vez mais com os outros) envolve uma miríade de relações tecnológicas. Na cidade estamos necessariamente enredados num conjunto complexo, e com camadas densas, de relações tecnológicas em constante fluxo quando nos movimentamos na cidade e resultado das perpétuas mudanças tecnológicas no ambiente urbano. Essas relações podem ser mais ou menos complexas e densas, e estar mais ou menos próximas do primeiro plano de nossa consciência em um

³⁰ “[...] the spatial experience of modern social life emerges through a complex process of co-constitution between architectural structures and urban territories, social practices and media feedback”.

dado momento. O argumento central apresentado neste artigo é de que o processo, multicamadas, de negociação com as tecnologias, nos níveis que vão do micro ao macro, é fundamental para a experiência do ser-na-cidade. O sítio mais primordial desta negociação é a relação corpo-tecnologia, que deve ser constantemente renegociada quando nos deslocamos através do urbano utilizando uma variedade de tecnologias. O modo como essa relação corpo-tecnologia é negociada e articulada detém implicações perceptuais profundas tanto em termos das coisas que entram em nosso campo perceptivo como no verdadeiro modo como são percebidas. O engajamento cotidiano com a tecnologia no ambiente urbano tende a resultar na normalização e na transparência das relações corpo-tecnologia, recuando para o fundo da consciência, tornando-as explícitas, manifestas ou conspícuas, no momento do defeito ou falha. Desse modo, como ser-no-cidade envolve, necessariamente, a navegação em camadas complexas e densas de relações tecnológicas sugiro que o que é fundamental tanto para a “cidade como signo” como para os “signos da cidade” é a tecnologia – essa tecnologia é, e sempre será essencial para a natureza da cidade, seja como imagem, seja como símbolo. ○

REFERÊNCIAS

- BORGMANN, Albert. Information and Reality at the Turn of the Century. In: SCHARFF, Robert; DUSEK, Val (Eds). **Philosophy of Technology: The Technological Condition**. Malden: Blackwell, 2003. p. 571–577.
- DREYFUS, Hubert. **Being-in-the-world: A commentary on Heidegger’s Being and Time**. Cambridge: MIT Press, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes/Universidade São Francisco, 2005.

Ser-na-cidade: uma aproximação fenomenológica da experiência tecnológica

Jason Wasiak

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8 ed. Petrópolis: Vozes/Universidade de São Francisco, 2012. p. 125-142.

HEIDEGGER, Martin. **The Question Concerning Technology and Other Essays**. New York: Harper Torchbooks, 1977.

IHDE, Don. **Bodies in Technology**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

IHDE, Don. **Technology and the Lifeworld: From Garden to Earth**. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

JONAS, Hans. Toward a Philosophy of Technology. In: SCHARFF, Robert; DUSEK, Val (Eds). **Philosophy of Technology: The Technological Condition**. Malden: Blackwell, 2006. p. 191–204.

KITTLER, Friedrich. The City is a Medium. **New Literary History**. v.27, n.4, p.717–729, 2006.

KINGWELL, Mark. **Concrete Reveries: Consciousness and the City**. Toronto: Viking Canada, 2008.

KLINE, Stephen. What is technology?. In: SCHARFF, Robert; DUSEK, Val (Eds). **Philosophy of Technology: The Technological Condition**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 210–212.

LASH, Scott. **Critique of Information**. London: Sage, 2002.

MCLUHAN, Marshall; FIORI, Quentin. **Os meios são as mensagens**. São Paulo, Record, 1969.

MCQUIRE, Scott. **The Media City: Media, Architecture and Urban Space**. Los Angeles: Sage Publications, 2008.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NARDI, Bonnie; O'DAY, Vickie. **Information ecologies: Using technology with heart**. Cambridge: MIT Press, 1999.

STIEGLER, B. **Technics and time, 1: the fault of Epimetheus**. Stanford: Stanford California, 1998.

Submetido em Novembro de 2017.

Aceito em Dezembro de 2017.